

**Velhos e novos estereótipos em evidência: as masculinidades na mira das crônicas  
brasileiras contemporâneas**

*Luiz Carlos Santos Simon<sup>1</sup>*

**Resumo**

O debate sobre masculinidades é cercado por muitos temas que podem ser vistos como divisões, partes ou correlatos do assunto: o corpo, feminismo, violência, paternidade, educação e a crise são algumas dessas questões. Este ensaio discute como contribuições teóricas e crônicas brasileiras contemporâneas abordam e representam velhos e novos estereótipos para os homens. Os escritos dos pesquisadores e textos literários de autores como Luis Fernando Veríssimo e Xico Sá são selecionados para análise. O objetivo é verificar como os estereótipos masculinos são focalizados nesses diferentes discursos e se pode ser vislumbrada alguma avaliação otimista sobre os homens e suas posições nas relações de gênero.

**Palavras-chave:** masculinidades; estereótipos; Luis Fernando Veríssimo; Xico Sá

**Old and new stereotypes in evidence: masculinities under the scope of Brazilian  
contemporary chronicles**

**Abstract**

The debate on masculinities is surrounded by many themes which can be seen as divisions, parts or counterparts of the subject: the body, feminism, violence, fatherhood, education and the crisis are some of these issues. This essay discusses how theoretical contributions and Brazilian contemporary chronicles approach and depict men's old and new stereotypes. The researchers' writings and literary texts of authors such as Luis Fernando Verissimo and Xico Sá are selected for analysis. The aim is to check how the male stereotypes are focused in these different discourses and whether we can find any optimistic evaluation upon men and their positions in gender relations.

**Keywords:** masculinities; stereotypes; Luis Fernando Verissimo; Xico Sá

**Introdução**

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas. Professor-Associado do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [luizcssimon@gmail.com](mailto:luizcssimon@gmail.com)

Em revisão do conceito de masculinidade hegemônica, empreendida já no século XXI, Robert W. Connell e James W. Messerschmidt retomam circunstâncias, projeções e finalidades em torno da formulação do conceito, que, segundo os autores, começou a circular nos anos 1980. Mais do que a delimitação e o detalhamento preciso do conceito, nos interessa aqui apreender o espírito com que as ideias acerca da masculinidade hegemônica foram manuseadas por aqueles que recorreram ao termo e o empregaram em suas pesquisas ou teorizações. Neste sentido, uma vez que o próprio Connell esteve entre esses pioneiros, cabe a referência à breve descrição das condições e das perspectivas que nortearam o uso do termo.

As masculinidades hegemônicas passaram a existir em circunstâncias específicas e eram abertas à mudança histórica. Mais precisamente, poderia existir uma luta por hegemonia e formas anteriores de masculinidades poderiam ser substituídas por novas. Esse foi um elemento de otimismo numa teoria de outra forma bastante sombria. Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero. (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p.245).

A alusão à permeabilidade das masculinidades hegemônicas à mudança histórica já antecipa o componente de otimismo que contrasta com o caráter sombrio, explicitados em seguida. Mesmo que se reconheça a construção do conceito a partir de um “padrão de práticas” e “não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade” (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p.245), é inevitável que o exame das ações masculinas seja afetado pelo teor sombrio que caracteriza os exercícios de dominação, de opressão e de violências, todas elas reais, concretas e palpáveis, além de muitas vezes inequívocas e indisfarçáveis. Assim, é de se imaginar que o otimismo se mantenha próximo do terreno das expectativas, ainda que estas sejam bem menos indiscutíveis do que as práticas verificadas. No entanto, são as expectativas e as projeções otimistas que nos movem, até porque constituem desafios. É a busca desse otimismo que nos leva à leitura e à indagação de uma das poucas modalidades de textos que pode oferecer representações e discursos distantes do padrão de práticas que se quer combater e ao mesmo tempo livres da ingenuidade, da conivência e do simplismo. Trata-se da literatura, aqui representada por um gênero já comumente dedicado à focalização do cotidiano: a crônica. Esta escolha, aliada à seleção de textos de autores contemporâneos, como Luis Fernando Verissimo e Xico Sá, aponta para o desejo de avaliar como são delineadas e interpretadas as práticas masculinas mais recentes, sem ignorar muitas vezes os eventuais conflitos entre elas e comportamentos convencionais

em um passado também recente. Para este fim específico, a crônica desfruta de certa vantagem em relação, por exemplo, ao conto e ao romance, pois ela pode tanto usufruir dos recursos ficcionais, com a construção de personagens e o desenvolvimento de tramas, quanto exercer a prerrogativa do comentário, e, nesse caso, o objeto do comentário será alguma cena da vida presente.

Como se pode prever, contudo, o percurso do otimismo para a caracterização das masculinidades não é tão simples. Ao contrário, é cercado por perigosas sutilezas. Uma delas é o fato de que o contato com estas crônicas é impregnado do humor posto em circulação por seus autores. Esse humor, que ora desliza para o deboche ora resvala no desdém, pode soar como arrogância ou displicência diante de questões às vezes bastante graves e sérias. É preciso, portanto, que se verifiquem com cuidado as engrenagens do humor (quais práticas são ridicularizadas, em quais circunstâncias, com quais efeitos etc.), também porque não se pode condená-lo como algo sistematicamente inadequado nem se deve deixar de reconhecer que ele é uma das fortes marcas da cultura contemporânea.

Outro aspecto a ser considerado é o enfoque de ações masculinas percebidas como estereótipos. As definições localizadas em dicionários para o termo “estereótipo” já indicam os riscos do investimento. Restrinjo-me a dois dicionários e suas acepções para o termo “estereótipo” que se fazem mais relevantes para nossa situação.

Imagem mental padronizada, tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça ou grupo social. (MICHAELIS, 1998, p. 893).

Algo que se adequa a um padrão fixo ou geral; esse próprio padrão, geralmente formado de ideias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão; ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações; aquilo que é falto de originalidade; banalidade, lugar-comum, modelo, padrão básico. (HOUAISS, 2009, p. 833)

As definições do termo presentes nos dois dicionários permitem que se identifiquem três aspectos em torno do estereótipo: quem ou o que é estereotipado; quem adere ao estereótipo ou o reforça; e como é o processo de estereotipagem, isto é, como se forma, ganha corpo e transita o estereótipo. Todos esses aspectos têm relevância aqui. Parece não haver dúvida quanto ao fato de o objeto estereotipado no nosso caso ser o homem, mas já aqui desponta uma questão interessante a partir da definição encontrada no Dicionário Michaelis: o objeto a se transformar no estereótipo

pode ser uma pessoa e pode ser também um “grupo social”. Caso se considere que o processo de construção e circulação do estereótipo pode envolver (e padronizar) o numeroso conjunto dos homens, equivalente a cerca de 50% da humanidade, é possível imaginar o impacto dessas generalizações e o quanto elas atropelam particularidades.

No que diz respeito a quem adere ao estereótipo ou o reforça, temos uma questão mais complexa: endossar e reforçar o estereótipo é um determinado posicionamento, problematizá-lo representa atitude diferente. Para a situação aqui focalizada, cabe investigar as abordagens dos dois grupos protagonistas das cenas contempladas: os estudiosos das masculinidades e os cronistas, que não necessariamente exibirão os mesmos tratos com os lugares-comuns que não foram criados por eles, mas encontram ampla ressonância em seu trânsito pela sociedade. Além dessas duas perspectivas, serão trazidas à cena as contribuições de dois pensadores que já se ocuparam criticamente dos estereótipos em outros contextos: Barthes e Bhabha.

Quanto aos mecanismos de formação e circulação do estereótipo, é essencial situar, com precisão, o lugar destinado a opiniões demasiadamente simplificadas, juízos sem critérios, ideias e convicções preconcebidas que efetivamente circulam. Também nesse aspecto, sobressaem sutilezas. Deixar de reconhecer a vigência de práticas masculinas perversas, muitas vezes materializadas em ocorrências brutais, é algo inadmissível. Ao mesmo tempo, encampar essas perversidades e entender que elas enfeixam e emblematizam o comportamento masculino em geral podem resultar em demonstrações de adesão ao estereótipo. De qualquer modo, é necessário exercer um acompanhamento minucioso para confirmar se, de fato, pesquisadores e cronistas cumprem aquilo que se espera deles: transcender e resistir ao estereótipo, oferecendo alternativas e interpretações que se desviem das banalidades e que remetam a leituras mais aprofundadas dos problemas enfrentados e revelados, constituindo, portanto, conhecimento autêntico, imagem desgarrada de padrões fixos ou pouco originais. Começemos pela teoria.

### **O estereótipo teorizado**

Em diversos textos dos estudiosos das masculinidades, o termo “estereótipo” aparece literalmente. Há passagens, porém, em que nem é necessária sua inclusão explícita. Badinter, no início de sua obra dedicada à identidade masculina, avalia assim a situação experimentada por homens e mulheres a partir das intervenções

feministas na segunda metade do século XX: “Ao pôr fim à distinção entre os papéis e firmar pé sistematicamente em todos os domínios antes reservados aos homens, as mulheres fizeram evaporar-se a característica universal masculina: a superioridade do homem sobre a mulher.” (BADINTER, 1993, p.6). Ao diagnosticar o fim das diferenças entre papéis masculinos e femininos e reconhecer uma série de avanços das mulheres em vários campos, a autora enxerga o fim daquilo que seria uma “característica universal masculina”. Em outros termos, esta característica, a superioridade, destituída da condição de “universal”, é desmascarada como uma “falsa” verdade, como produto de julgamento consolidado por longo tempo, enfim, como um estereótipo com grande lastro histórico. Em outra passagem do texto, Badinter recorre às pesquisas da antropóloga Margaret Mead para enfatizar “a extrema variabilidade dos papéis e dos estereótipos masculinos e femininos, assim como a das relações entre homens e mulheres” (BADINTER, 1993, p.28). Este trecho leva à questão da polêmica entre multiplicidade e essencialismo que ocupa o centro das discussões em torno dos gêneros e das análises das masculinidades. Se o reconhecimento da existência dos estereótipos passa pela presença textual do termo, isso ocorre também para demonstrar que essa oportunidade de detectarmos múltiplos papéis e estereótipos é proporcionada pela constatação da pluralidade nos comportamentos e nas relações estabelecidas entre os gêneros. Isso não significa a supressão nem o esmaecimento dos estereótipos e do essencialismo.

Quando Kimmel ressalta que “as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica” (KIMMEL, 1998, p.105), seu ímpeto é, além de marcar o componente plural das masculinidades, confrontar seu objeto de estudo com a tendência forte a reconhecê-lo como produto de uma essência. A questão é que o vigor dessa tendência é suficiente para gerar atitudes e modelos variados, inclusive estereótipos que não entram em choque entre si. Assim, a noção de variabilidade pode ser entendida como traço que estimule uma percepção mais flexível das práticas masculinas, como preparação para a coexistência de perfis diferentes nessas práticas e, nesse sentido, há até espaço para que se vislumbrem trajetos viáveis que correspondam a opções efetivamente diferentes daquelas proporcionadas pelos estereótipos. Entretanto, é preciso ainda lembrar que a multiplicidade é também recurso dos próprios estereótipos, como um conjunto de roupagens ou máscaras servindo à função de disfarçar o exercício

da dominação.

Pode-se compreender que um dos disfarces para os estereótipos masculinos atenda pelo nome de “crise”. Ainda que seja uma questão ampla, com muitos desdobramentos focalizados no debate teórico tanto no contexto brasileiro (RAMOS, 2000) quanto no internacional (FORTH, 2013), a projeção das reflexões sobre a natureza da crise das masculinidades torna íntimo seu vínculo com o âmbito dos estereótipos. É o que se permite perceber no texto de Sócrates Nolasco:

A crise masculina (...) pode ser compreendida como uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles. Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um *homem de verdade* em torno do qual todo menino é socializado. (Grifo do autor. NOLASCO, 1997, p. 16-17).

Embora o autor se abstenha de questionar a existência real da crise, o que é exercitado em outras reflexões teóricas e análises, não deixa de ser cabível interpretar a crise masculina também como início de um projeto de redefinição, como esforço do deslocamento de homens rumo a um novo estágio, distante dos padrões mais tradicionais. No entanto, ao mesmo em que sobressai essa perspectiva condescendente com a crise, entra em cena a ideia do “homem de verdade”, expressão grifada no trecho e posta entre aspas para figurar como título do artigo. Esses recursos que garantem destaque à expressão são também a comprovação de que a ideia da existência de um homem com aquela classificação – “de verdade” – não é mera fantasia, nem invenção irrelevante, embora esteja revestida de cinismo, nem ainda pertence completamente ao passado, porque afinal o tempo verbal para indicar as formas de socialização dos meninos é o presente. Assim, é o caso de pensar que, se há de fato a quebra do cinismo, isso corresponde a um desmascaramento do processo em que o “homem de verdade” é criado e alimentado, mas não à dissolução da imagem “homem de verdade” que permanece nítida, com ou sem grifo, com ou sem aspas.

Se é importante reconhecer um processo de desmistificação em andamento, cabe também não ceder à euforia de menosprezar a potência dos estereótipos. É este o espírito da avaliação feita por Bernardo Jablonski, ao se deter sobre algumas considerações de Elisabeth Badinter, julgando-as nos seguintes termos: “Este comentário nos parece um típico caso de ‘otimismo ingênuo’, uma espécie de *wishful thinking*.” (JABLONSKI, 1995, p.160). O próprio autor encarrega-se de listar uma série de marcas associadas à masculinidade que podem ser lidas como derivações da composição do “homem de verdade”: “independência, autonomia, autoconfiança,



liderança nas relações de gênero e agressividade” às quais ele acrescenta um conjunto de adjetivos: “forte, autocrítico, aventureiro, arrogante, decidido, dominador, assertivo, rude, desafiador e orientado para a realização.” (JABLONSKI, 1995, p.158). É interessante observar que esses traços enumerados não são exatamente sinônimos, mas, por não serem também conflitantes entre si e sim complementares, revelam um pouco da dinâmica do estereótipo do “homem de verdade” que se desdobra e se multiplica, desfrutando, assim, de grande poder.

Uma das manifestações desse estereótipo é sustentada com empenho pelo cinema: “Hollywood vem contribuindo há tempos para este quadro, reforçando certas tintas: o homem de verdade é ‘macho’, silencioso, firme, provedor, e na hora “H” resolve tudo sozinho e na base da pancada!” (JABLONSKI, 1995, p.158). A força do cinema para a fixação de modelos masculinos desde o século XX é imensa e pode ser atestada através de diversos momentos e exemplos.

A historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, ao se debruçar sobre as masculinidades no início do século, evoca a imagem de Rodolfo Valentino, e “uma masculinidade que ainda era bastante questionável”, pois “combinava virilidade e sensibilidade, força e delicadeza dos gestos.” (SANT’ANNA, 2013, p.256). A autora ainda ressalta a comoção internacional na ocasião da morte do ator em 1926, indicando que já naquele momento o cinema conseguia difundir seus valores e atravessar fronteiras. O perfil de Valentino representava um ajuste no padrão masculino, segundo o qual a agressividade e a rudeza davam lugar ao poder de sedução e à sensibilidade. Trata-se de uma variação em que não se deixa de exercer a influência sobre o público no que diz respeito à composição de modelos que serão fielmente seguidos.



**Imagem 1: Ator Rodolfo Valentino.**

O pesquisador francês Antoine de Baecque, em seu percurso pelas representações da virilidade no cinema, apresenta outro modelo além de Rodolfo Valentino a quem retrata como um símbolo de “virilidade civilizada, suavizada” (BAECQUE, 2013, p.527). Não é, porém, a suavidade o que mais caracteriza o outro exemplo expressivo representante da masculinidade no cinema: “Por sua potência de encantamento, Tarzan se transforma em herói mundial; por seu gosto pelo exílio, ele faz sonhar; por sua vitalidade corporal, sua nudez pudica, sua virtuosidade animal, ele atrai.” (BAECQUE, 2013, p.528).



**Imagem 2: Cena do filme Tarzan com o ator Johnny Weissmuller.**



O componente corpóreo desempenha papel fundamental no fascínio exercido pelo herói, estabelecendo o contraste com a imagem coetânea de Valentino e proporcionando as duas vertentes de padrões de masculinidades que têm grande força até hoje: o selvagem e o urbano. Este caráter selvagem, calcado na exibição de músculos e na relação de intimidade com a natureza, é o que se aproxima de outro estereótipo que frequenta o imaginário ocidental mesmo antes do século XX: o do colonizado como predador sexual (TARAUD, 2013, p.457). O impacto dessa forma específica de estereótipo para nós, brasileiros, é enorme e provoca efeitos diversos seja em nossa vida no território nacional seja nas experiências internacionais. Tais efeitos são alimentados por aquilo que Bhabha, ao se deter sobre o discurso colonial, considera como “uma cadeia contínua e repetitiva de outros estereótipos”, uma espécie de ciclo que tende a garantir fixidez a determinadas imagens do colonizado. (BHABHA, 1998, p. 120). A análise deste modelo de estereótipo contribui ainda para esclarecer os mecanismos de sustentação de preconceitos raciais assim como as concepções de pluralidade nas masculinidades.

Não é apenas no passado que se localizam os estereótipos masculinos. Nolasco detecta, em sua análise das masculinidades contemporâneas, um padrão diferente em certos comportamentos de homens, reflexos do desejo por outra gama de experiências: o homem feminino. Esta imagem, posta em evidência alguns anos antes e popularizada pela canção de Pepeu Gomes em 1983, é apreciada criticamente pelo pesquisador: “Se por um lado a denominação homem feminino garante certa qualificação para alguns desejos, por outro, ela encarcera o indivíduo no campo dos estereótipos sexuais.” (NOLASCO, 1995, p.19). O autor propicia, a partir de sua observação, elementos significativos para análise. À medida que um comportamento recente pode rapidamente ser catalogado como estereótipo, percebemos como falta tempo para que as atitudes se tornem objeto de reflexão mais cuidadosa. Antes que aquele comportamento suscite interpretações argutas e criteriosas que levem em consideração suas motivações e seus efeitos, ele já é absorvido como algo pronto, previsível, incapaz de constituir novidade e de se afirmar como símbolo de mudança. A ideia do encarceramento do indivíduo “no campo dos estereótipos sexuais” é um complemento desse processo em que sobressai a velocidade com que o estereótipo se consolida. Rotular o homem como feminino significa impor limites: os atos

permanecem como masculinos ou femininos, sem que as definições de masculino e de feminino sejam alteradas ou mesmo questionadas. Não se abre espaço para que um comportamento represente a conjugação de anseios que transcendam as classificações “masculino” e “feminino”. De qualquer modo, a ousadia da reivindicação do rótulo “feminino” para a caracterização de um homem não é um movimento desprezível, é um gesto que merece mesmo ser compreendido como sinal da insatisfação com um modelo de masculinidade que é cerceador.

O último formato de estereótipo a ser destacado, neste caminho pelas contribuições teóricas, é extraído da análise feita pelo pesquisador Marko Monteiro que se dedicou ao trabalho com revistas masculinas publicadas no Brasil entre as décadas de 1960 e 1990. O estudioso salienta que na última década do século XX há um redirecionamento nas formas de representação do homem, que indica a ampliação do mercado editorial brasileiro e sua adaptação à circulação de ideias sobre masculinidade na nossa vida cultural.

Uma das principais características dessas novas formas de representação é a objetificação do masculino ou a crescente sexualização da imagem do homem nas páginas das revistas, fenômeno que ocorre também em outras mídias. O homem passa a ser visto como objeto de desejo, a ser consumido prazerosamente pelo olhar do(a) leitor(a), convenções tradicionalmente aplicadas às mulheres na sua representação. (MONTEIRO, 2013, p. 352).

Nota-se aqui mais uma vez a rapidez com que o estereótipo se afirma. Neste caso, temos o mercado editorial como posto integrante do circuito midiático composto também pelo cinema, como já foi demonstrado, e por outras manifestações como a telenovela. O antropólogo Carlos Alberto Messeder Pereira ressalta, aliás, em artigo com título sugestivo – “Que homem é esse? O masculino em questão” –, que esse homem-objeto teve grande projeção entre os anos 1980 e 1990, exemplificando com a telenovela da rede Globo, *De corpo e alma*, e o espetáculo *Os leopardos* que obteve grande sucesso na Galeria Alaska, em Copacabana (PEREIRA, 1995, p.54). A presença marcante desse homem-objeto sexualizado em palcos, revistas e telas de televisão reafirma a absorção veloz da prática masculina pelos canais midiáticos e o surgimento de mais um estereótipo que desvia o foco das circunstâncias em que o fenômeno se instaurou e circula: o que significa esta sexualização do homem? Em que medida esta imagem difere do raio de ação tradicionalmente previsto para as práticas masculinas neste campo? Quais são os novos sujeitos nesta relação que parece invertida? Os gays e as mulheres assumem papéis privilegiados? Ocorre mesmo a inversão? E quanto à

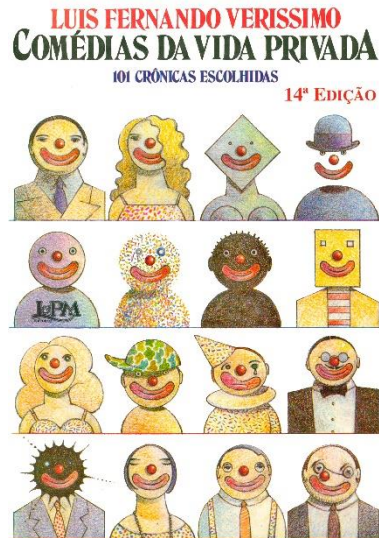
natureza dos desejos, há espaço para que eles se constituam como manifestações autênticas, livres, como práticas que não se confundam com a dinâmica do consumo? É necessário reconhecer o papel fundamental desempenhado por essas iniciativas que trazem para o debate teórico e para o meio acadêmico toda essa movimentação no âmbito dos gêneros. Ao mesmo tempo, a circulação dos estereótipos na sociedade tende a diminuir a força das reflexões sobre as práticas masculinas por eles absorvidas. Cabe, portanto, debater mais, refletir mais e ainda fazer com que esses debates e reflexões circulem com maior desenvoltura, dentro e fora do ambiente acadêmico. Um dos caminhos para isso pode ser a ampliação e a diversificação dos objetos estudados. É com essa finalidade que nos voltamos agora para a literatura, mais especificamente para as crônicas. Neste movimento ganha evidência a proposta de acompanhar como as produções literárias contemporâneas, a partir de uma concepção muito particular de linguagem, se armam para combater o estereótipo, que, segundo Barthes (s.d.), consiste no “monstro” que dorme em cada signo.

### **O estereótipo abordado pela crônica**

A crônica brasileira dos dias atuais recebe forte influência da produção de Luis Fernando Verissimo. Desde seu surgimento na cena literária brasileira, em 1973, até esses primeiros anos do século XXI, o autor desfruta de grande êxito com o público e com a crítica, transpondo os territórios das páginas dos jornais e dos livros e alcançando a consagração também em outros espaços como o cinema, o teatro e a televisão, através das adaptações de seus textos. Os motivos para tanto sucesso obviamente não são poucos e sim uma combinação de qualidades dentre as quais podem ser ressaltadas o talento para a narrativa breve, o humor com que constrói suas personagens e situações e o foco atento no cotidiano do indivíduo contemporâneo. Selecionar apenas algumas de suas crônicas para comentá-las aqui é uma missão ambígua: fácil porque a representação do masculino aparece com grande destaque na sua produção; e difícil porque a fartura do material produz uma galeria extensa de tipos masculinos que apresentam suas peculiaridades. Como o propósito deste artigo não é um trabalho monográfico – que Verissimo com certeza merece também –, mas uma tentativa de apreender os sentidos dos discursos sobre a masculinidade presentes na crônica contemporânea, torna-se necessário não se limitar a apenas um autor e exercitar a síntese, mesmo reconhecendo que muitos homens ficarão de fora da seleção. Além

dessas dificuldades e de sua solução paliativa, cabe ainda observar que, para a abordagem pretendida, é interessante também um conjunto diversificado de crônicas, não só no que se refere à autoria, mas na modalidade dos textos selecionados. Assim, os textos de Verissimo representam um modelo narrativo e ficcional de crônicas, enquanto há outros modelos relevantes para nosso propósito que constituem comentários da vida cotidiana e devem ser incluídos.

Nas *Comédias da vida privada*, antologia do autor que teve a primeira de muitas edições em 1994, já localizamos crônicas que remetem a estereótipos masculinos associados uns a práticas mais recentes, outros a práticas nem tão recentes. Entre estas, destacamos “O marido do Dr. Pompeu”, que já desperta curiosidade pelo título. Não se trata exatamente da representação de uma experiência de casamento gay nem seria muito preciso referir-se ao texto como uma narrativa cujo protagonista é quem dá título à crônica. Parcialmente, entretanto, tais informações têm fundamento. A personagem Dr. Pompeu resolve casar-se com um homem, embora nenhum dos cônjuges se admita como gay. Ao mesmo tempo, o marido do Dr. Pompeu é mero figurante da crônica concentrada no diálogo entre o Dr. Pompeu e sua ex-esposa, que pedira o divórcio antes daquela decisão polêmica. Assim, após vinte e cinco anos de casamento estável, a ideia da separação levada a cabo pela mulher do Dr. Pompeu não gera qualquer estranhamento, enquanto o novo enlace se transforma em escândalo ruidoso. Os preconceitos manifestam-se de tal forma que inclusive a mulher dirige-se ao ex-marido em busca de esclarecimentos. É neste diálogo que se define o acordo conjugal do par recém-formado: não há contato sexual naquele casamento; o Dr. Pompeu é encarregado da organização da vida doméstica na casa; em troca, cabe ao marido incumbir-se da parte financeira, o que proporciona, inclusive, o pagamento da pensão à ex-esposa. Enfim, Dr. Pompeu assumiu espontaneamente as atribuições convencionais de mulher, o que significa ter ido em busca daquilo de que sua própria ex-esposa tanto queria se desvencilhar, ao pedir o divórcio.



**Imagem 1: Capa do livro Comédias da vida privada, de Luis Fernando Verissimo.**

O quadro retratado contempla uma modalidade de estereótipo masculino já bastante consolidada no senso comum: o homem provedor que minimiza as agruras do papel feminino convencional na rotina doméstica e, ao mesmo tempo, exalta suas próprias responsabilidades como o grande papel na vida conjugal. Se este foi o ponto central para a insatisfação da esposa e para o pedido de divórcio, na vida do Dr. Pompeu constituiu o ideal de felicidade (curiosamente a crônica se abstém dos detalhes quanto à longevidade daquela nova relação). As responsabilidades financeiras, que representam o fardo de ser homem, são preservadas como atribuições masculinas, uma vez que a ex-esposa continua dispensada desses encargos, pois recebe a pensão, e o Dr. Pompeu se livra deles com alívio após transferi-los a seu novo marido.

Outro aspecto diz respeito à negação da homossexualidade no novo arranjo conjugal. Quando rejeita as insinuações da ex-esposa, segundo as quais ao longo de todo aquele tempo ela jamais desconfiara da sexualidade do marido, o Dr. Pompeu reivindica legitimidade para aquele contrato, pois assim as motivações estariam no âmbito da vida prática, da distribuição supostamente equilibrada de papéis e não em alguma “perversão” sexual. Neste sentido, faltaria apenas, para o reforço completo do estereótipo, argumentar que uma vida conjugal heterossexual com vinte e cinco anos de percurso já estaria também carente de atividade sexual. Mais difícil de explicar, no entanto, é a opção do próprio marido do Dr. Pompeu: por que escolher um homem para aquelas funções e não uma mulher, se, afinal, ele não era gay? O estoque de estereótipos, porém ainda guardaria algumas possíveis respostas: não haveria mais mulheres dispostas a desempenhar este papel no novo universo de caracterização de

gêneros; ou, ainda, para assumir tais atribuições, talvez até seja melhor que um homem o faça sem se queixar tanto, como uma mulher faria.

De qualquer modo, pode-se argumentar que os estereótipos são sustentados na crônica, sem abalar, sem corresponder a questionamento maior a traços da masculinidade hegemônica: representando ainda um estágio anterior às avaliações otimistas de Badinter, não há ajuste entre homem e mulher, no sentido de readequação de papéis dentro do casamento; no novo arranjo conjugal também não há equilíbrio nem compartilhamento de responsabilidades; na decisão que leva à união entre Dr. Pompeu e seu marido, não há enfrentamento da experiência homossexual, o que significa que a homofobia permanece ilesa. Se há alguma surpresa na crônica, é um casamento entre homens que não é um casamento gay. Contudo, isso não é propriamente surpreendente: trata-se do prevailecimento de uma noção da masculinidade hegemônica de acordo com a qual os maiores ônus nas relações de gêneros estão mesmo na agenda dos homens. As últimas palavras da crônica são dirigidas pelo Dr. Pompeu à ex-esposa: “Passe bem.” (VERISSIMO, 1995, p.26). Ainda assim, a crônica conserva a marca humorística de seu autor aliada a essa surpresa parcial na narrativa. A interpretação da trajetória do Dr. Pompeu aponta para a afirmação cada vez mais sólida de que a preservação de papéis masculinos tradicionais é progressivamente inviável. Dr. Pompeu não consegue mais manter seu casamento com a mulher nos antigos paradigmas e, ao migrar para uma nova relação conjugal, pode até alardear uma felicidade, uma realização pessoal, mas, se ele não é mesmo gay, esta realização é parcial, pois seu novo parceiro é também um homem, supostamente heterossexual. Enfim, resguardar todos os estereótipos e nortear os comportamentos de acordo com eles não é mais possível; de alguma coisa é preciso abdicar. Não é mais viável preservar todos os privilégios masculinos. Torna-se nítido que a hegemonia masculina, aspecto tão evidente para reger as relações de gênero, segundo Connell e Messerschmidt, já apresenta suas vulnerabilidades, projetando a necessidade de outras configurações de relações de poder entre homens e mulheres.

Na crônica “O brinco”, embora tão curta quanto “O marido do Dr. Pompeu” e outros dos textos de Verissimo, há três personagens masculinas, cada uma representando orientações sexuais peculiares. Russo e Roberto estão juntos na residência do primeiro. Eles mantêm um relacionamento sem assumi-lo abertamente. O amigo Maurão desconfia de que Moira, sua esposa, tem um relacionamento extraconjugal com Russo. Roberto é casado com Lise, mas transa com Russo. O brinco,



pivô da peripécia, foi comprado por Russo como presente para Roberto. O problema é que Maurão testemunhou a compra do brinco, que acabou aparecendo na orelha de Moira. O marido, possivelmente desconfiado com a ausência da mulher durante a madrugada, deduz equivocadamente que Russo teria comprado o adereço e dado a Moira e que naquele momento os dois estariam juntos. Maurão, que insiste em falar com a esposa pelo telefone, alerta, então, que irá armado à casa de Russo. O ameaçado passa, por sua vez, a suspeitar que Roberto, seu amante, e Moira têm um caso. Roberto desmente e, ao informar que o brinco havia sido repassado a Lise, sua esposa, permite, enfim, que os dois cheguem à conclusão de que as duas mulheres teriam um caso.

Na crônica, há, portanto: um homem gay que não é assumido (Russo), pois Maurão desconfia de que ele, mesmo sendo um dos seus melhores amigos, seja o homem com quem Moira tem uma relação extraconjugal; um homem bissexual, que também não é assumido (Roberto), casado com uma mulher, Lise, e que mantém um relacionamento gay com um homem, Russo; e um homem heterossexual, a princípio (Maurão), que é vítima de uma traição. As situações da narrativa, assim como as orientações sexuais em questão, são bastante embaralhadas, o que já configura uma desestabilização dos perfis mais previsíveis para os homens, visualizados por Nolasco. A ausência de revelações a respeito dessas orientações sexuais revela um alto grau de indefinição na trama. Poderia ser que o caso fosse entre Russo e Moira; em seguida, surge a possibilidade de que o casal fosse Roberto e Moira; somente após alguns esclarecimentos, é que concluem que o casal é Lise e Moira. No meio dessa gama variada de possibilidades, Maurão, o marido traído, que inicialmente queria apenas conversar com a esposa e demonstrava indisposição para brigas e cenas, depois dispara a ameaça: vai armado à casa de Russo. Ao saber da fúria do marido traído, Roberto inicialmente é valente, se solidariza com o amante – “– Eu fico.” –, para, em seguida, resignar-se e admitir que vai embora antes da chegada do desonrado. Russo, por sua vez, apronta-se para receber a visita, conformado com a morte iminente a ser consumada pela ameaça de Maurão. Antes, porém, da partida de Roberto, com mágoa sobre o destino do presente, lhe pede esclarecimentos: “– Você não gostou do brinco?” (VERISSIMO, 1995, p.102).

Os toques tragicômicos acompanham a caracterização das personagens, sem grandes concessões nos contextos experimentados: Russo está prestes a ser vítima, mas nem assim revela suas confidências; Roberto não se sensibiliza com os riscos

enfrentados pelo amante e decide ir embora; e Maurão inicia um processo de exposição de si mesmo como injuriado, mas não convence plenamente em seu ultraje. Essas tintas utilizadas pelo cronista denotam pouca complacência com as práticas masculinas estereotipadas. O autor se sobrepõe às personagens, apagando qualquer vestígio de nobreza que pudesse alçá-las a alguma condição diferenciada nas masculinidades retratadas: Roberto e sua ambiguidade desprovida de compromisso e coragem; Maurão e seus equívocos – além de se encaixar literalmente no chavão “último a saber” – com uma dramaticidade meramente performática que torna improvável a concretização da extemporânea defesa da honra. As imagens das duas personagens são golpes certos nas marcas da masculinidade focalizadas que também não são redimidas pela sensibilidade patética de Russo a perguntar se o amante não gostara do brinco. Assim, algumas daquelas marcas elencadas por Jablonski, como a agressividade e a postura assertiva são desconstruídas nas ações das personagens masculinas da crônica. Não espanta, portanto, que os três homens sejam enredados pelas duas mulheres: dois – Maurão e Roberto – são traídos por suas esposas, e o terceiro, Russo, experimenta o risco de levar um tiro, sem ter tido qualquer envolvimento naquelas traições. Cabe ressaltar que as mulheres gozam da situação sem incluir outros homens, o que, aliás, custa a ser descoberto pelas personagens masculinas. Esse descompasso é a imagem mais apropriada para a crônica, assim como o presente que intitula o texto, o brinco: comprado por um homem para outro homem, acaba na orelha de uma mulher e desencadeia as descobertas e as revelações.

O cronista Xico Sá herda a irreverência de Verissimo, que, desde as últimas décadas do século XX já se manifestava como tom em harmonia com o enfoque das conturbadas relações de gênero. A crônica de Xico Sá revela a inclinação pelo comentário e um consequente afastamento da narrativa, o que demonstra a aproximação de um modelo de texto seguido e consagrado por outros cronistas, como Rubem Braga, que imprimia o lirismo às cenas e situações descritas. Ao preferir o comentário em detrimento da ficção, a voz do cronista tem a oportunidade de se fazer mais explícita no texto, ainda que vez ou outra essa voz possa carregar apenas um discurso que não necessariamente reflete concepções do autor. De qualquer modo, o discurso ali presente expõe, nessa modalidade de crônica, um conjunto de avaliações das questões abordadas. Esse procedimento favorece nossas leituras quando nos defrontamos com um livro cuja advertência do autor já sinaliza que se ocupará da “agonia dos marmanjos” (SÁ, 2010,

p.7). O título do livro selecionado também fornece indícios do enfoque sobre o universo masculino: *Chabadabadá: aventuras e desventuras do macho perdido e da fêmea que se acha*.

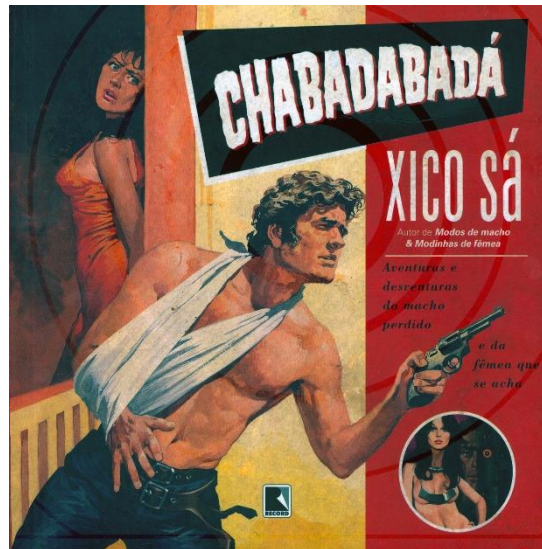


Imagem 2: Capa do livro *Chabadabadá*, de Xico Sá.

A crônica “Com o pão debaixo do braço ou Consenso da Chapada” inicia-se com referência a um tópico abordado já sob a condição de um estereótipo da masculinidade: “É tanta onda com essa tal ‘crise do macho’ [...] que este anacrônico que vos bafeja o cangote resolveu lembrar algumas atitudes e costumes capazes de reorientar esta criatura que se julga perdida no milharal da existência.” (SÁ, 2010, p.25). O modo de aludir à crise masculina – “essa tal ‘crise do macho’” – evidencia a intensidade com que a expressão transita por diversos ambientes ao mesmo tempo em que denota desprezo pelos sentimentos que ela designa. Emerge logo nesta primeira frase a ideia de que a crise em si é um estereótipo: muito abordada, porém sem merecer grande consideração, embora o cronista anuncie que se disporá a um exercício de reorientação aos perdidos “no milharal da existência”. Esta irônica colaboração do autor, por sua vez, desponta como um posicionamento deliberado de diferenciação em relação àqueles que carecem da reorientação. O cronista se coloca um degrau acima dos machos em crise, o que significa intelectualizar sua perspectiva e acentuar o menosprezo dos supostos problemas enfrentados. A receita, como o título da crônica já antecipa, é simples e impregnada da ironia expressa desde o início: “retornar para casa no começo da noite com aquele clássico pacote de pães debaixo do braço. É nessa hora

que um homem se faz homem de verdade.” (SÁ, 2010, p.25). Para a solução de um problema que é um estereótipo, o cronista sugere como contra-ataque o recurso a outro estereótipo mais antigo e tradicional, inclusive evocando a expressão “homem de verdade”, já explorada como exemplo de estereótipo da masculinidade, a propósito das considerações de Nolasco. Na crônica, porém, esta suposta defesa do estereótipo é compensada pela ironia empregada nas referências às estratégias de reação que deveriam ser assumidas pelos homens. A proposta apresentada pode sugerir a negação do quadro contemporâneo, o combate ao atual estado de coisas, mas não é isso que ocorre. É exposta a plena conscientização de que vigoram novos e irreversíveis arranjos de gênero: “Não importa se é a patroa a nova provedora do lar. Deixe ela, toda poderosa e orgulhosa da nova posição social, pagar a escola das crianças, completar o tanque do carro, encher a geladeira, abastecer a despensa e até saldar aquele ‘pindura’ no botequim da esquina.” (SÁ, 2010, p.26).

As configurações familiares sofreram transformações e não são ignoradas. Mais do que isso, o cronista recomenda que os homens também não as ignorem nem sintam vergonha dos papéis domésticos recém-adquiridos. Esses ajustes vêm, segundo o autor, acompanhados da perda do poder identificada na inversão salarial, na redistribuição dos papéis domésticos e até do efetivo exercício de autoridade sobre questões administrativas da casa. Para todas essas mudanças, o cronista propõe ao homem a resignação que só não poderia se expressar pela delegação de trazer os pães para casa nem pela sugestão guardada para o final do texto: evitar “o processo de pijamização. Um homem o dia inteiro em pijamas perde de vez o respeito.” (SÁ, 2010, p.26). Caberia ao homem, assim, impedir sua degradação total através do uso comedido de pijamas.

Este recurso ao estereótipo do homem de pijamas representa um fecho para a crônica em sintonia com as sucessivas ridicularizações desfiadas ao longo do texto. As perdas masculinas elencadas representam a constatação de um processo irreversível, o que reforça a ideia de distanciamento entre as masculinidades e a preservação da hegemonia. Em vez de uma eventual solidarização com o sentimento de crise decorrente do gradativo desprestígio masculino, o cronista recorre ao sarcasmo, o que implica até mesmo considerar que esta degradação dos homens é algo questionável, sem merecer uma abordagem sisuda, grave. Pode-se objetar, portanto, que, se as perdas existem, talvez não sejam em escala tão expressiva; se elas existem em algumas relações entre

homens e mulheres, também coexistem com a preservação de antigos arranjos em outros casais. Xico Sá não se dispõe, contudo, a focalizar essas questões. Aos homens por ele retratados, em sua condição de estereótipos, restam as irônicas advertências em busca de sobrevida: trazer o pão para casa e evitar passar o dia inteiro com pijamas.

Se na crônica “Com o pão debaixo do braço”, Xico Sá concentra-se em um conjunto de situações experimentadas pelo homem casado e suas necessidades de adaptação aos novos formatos de vida conjugal, em “Sobre tipinhos contemporâneos da mais alta periculosidade”, o autor desloca o foco para o homem solteiro e seus estilos e valores ostentados diante da vida presente. Não se trata apenas de realçar particularidades do comportamento masculino quanto ao estado civil. O texto anterior reflete os conflitos da transição entre um longo período com papéis definidos para o homem e prestígio intacto e uma fase de indefinição ou mesmo de inversão de atribuições. “Sobre tipinhos contemporâneos da mais alta periculosidade” é uma crônica que oferece um corte sincrônico, voltada especificamente para formas contemporâneas dos estilos dos homens. No que se refere aos estereótipos, podemos interpretar que há o contraste entre velhos estereótipos, no primeiro texto, e os novos, no segundo. E esses últimos não estarão livres dos comentários críticos do cronista: é através da percepção de um novo padrão de performances masculinas – performances que podem ser detectadas e catalogadas – que Xico Sá se organiza para enfrentar o estereótipo-monstro que ronda a linguagem, de acordo com Barthes, e se afirma como uma mitologia atualizada, em processo similar ao dos produtos e espetáculos para consumo analisados pelo autor francês.

A frase inicial pode até insinuar que o estereótipo será alijado desta crônica: “Tudo bem, bravas fêmeas, os homens são todos iguais, blá-blá-blá etc.” (SÁ, 2010, p.36). Trata-se de um manifesto contra a tendência que mulheres têm para aderir ao clichê da indiferenciação masculina? Uma resposta a esta generalização injusta? Não. Como o próprio título indica, os estereótipos são precisamente o centro da crônica. É certo que, sob determinada perspectiva, o clichê é contestado. Afinal, de acordo com o texto, os homens não são todos iguais, embora essa diversidade não represente uma reivindicação também já bastante disseminada segundo a qual as práticas masculinas mereceriam julgamento mais ameno.

Ainda no âmbito do título da crônica, é preciso notar duas direções que poderiam ser tomadas como paradoxais: de um lado, o diminutivo em “tipinhos”, que



pode ter uma carga pejorativa ou de desprezo; de outro, a expressão “mais alta periculosidade”, que poderia sugerir o afastamento do tom mais frequente no autor – o humor – e a aproximação de temáticas graves na experiência masculina, como a violência. Soma-se a isso o fato de que, ao contrário do que ocorre em “Com o pão debaixo do braço”, quando o autor se dirige aos homens com vocativos masculinos e verbos no modo imperativo – “Limpe, amigo, na boa o cocô-abacate do pimpolho...” (SÁ, 2010, p.26) é apenas um dos exemplos –, em “Sobre tipinhos contemporâneos”, o texto é dirigido, desde o início, às mulheres, com a apresentação dos referidos “tipinhos”, mas sem abandonar o uso do imperativo nas recomendações destinadas a elas.

O perigo representado pelos homens em foco na crônica não está, porém, associado à violência nem à brutalidade. O cronista se dispõe a catalogar quatro modelos bastante recentes de masculinidade: o Homem-bouquet, o Homem-hortinha, o Homem-ômega 3 e o Homem-ONG. O Homem-bouquet, por exemplo,

é aquele macho que entende de vinhos finos, abre a garrafa, cheira a rolha, balança na taça, sente o bouquet da bebida dos deuses. O tipinho não perde um programa especializado na tevê, entra em sites franceses do gênero, reúne os amigos para encher o saco com o tal bouquet, o sabor e o aroma amadeirado etc. (SÁ, 2010, p.36).

A sofisticação, que poderia ser interpretada como uma virtude a ser apreciada, resvala para o excesso, e o refinamento se transforma em arrogância e em fonte de tédio para aqueles que mal conseguem suportar aquela exibição enfadonha de conhecimentos. O retrato construído assemelha-se, dessa forma, a um desdobramento da virilidade suavizada percebida por Antoine de Baecque e Denise Bernuzzi de Sant’Anna a respeito de Rodolfo Valentino. O desdobramento, porém, não vinga. O cronista revela-se impiedoso com esses padrões contemporâneos de homens, submetidos inclusive a um paralelo com os super-heróis. Assim, nos lugares do Homem-Aranha, do Homem de Ferro, surgem essas novas categorias cuja valorização, contudo, é invertida numa operação irônica: “... as heroínas que conseguem escapar do ‘In vino picaretas’ dificilmente escaparão da arapuca do inominável e desqualificado Homem-hortinha.” (SÁ, 2010, p.36). Em substituição às incontáveis qualidades e à exaltação enobrecedora dos super-heróis tradicionais, o anti-herói contemporâneo tem seu nome precedido de desqualificações, o que o torna mais próximo do vilão. É neste movimento que reside a justificativa para a periculosidade incluída no título da crônica. Ao mesmo tempo, a condição da mulher exposta a esses perigos é identificada com o heroísmo:



desvencilhar-se de homens tão chatos a torna heroína.

## Conclusão

Nas últimas considerações de artigo publicado em 1995, Silviano Santiago expressa suas avaliações acerca das experiências masculinas vividas ali no final do século XX:

O novo lugar que [o homem] ocupa, aparentemente secundário, medíocre e desvantajoso, retira-o da condição de único provedor e, por isso mesmo, único mártir, e leva-o a dialogar com as forças plurais que o cercam e o questionam, conduzindo-o a uma atitude que, longe de negar a sua busca de identidade, procura construí-la sem detrimento das identidades de outros grupos em nome dos quais egoística e autoritariamente falava. (SANTIAGO, 1995. p. 102)

Pode-se dizer que a apreciação do crítico tem pontos de contato com o otimismo que, segundo Connell e Messerschmidt, caracterizava o debate teórico em torno das masculinidades hegemônicas. A perspectiva otimista manifesta-se já na designação de que há, de fato, um novo lugar ocupado pelo homem e que este lugar é aparentemente desvantajoso. A supressão desse advérbio – “aparentemente” – acarretaria uma sutil diferença no sentido expresso e traria de novo para o centro das discussões os embates promovidos, sobretudo, por aqueles que questionam a existência da crise da masculinidade. Não é este meu propósito aqui. De qualquer modo, a circulação de um discurso que evidencia a crise é, a meu ver, suficiente para que se julgue haver de fato um novo lugar ocupado ou papel desempenhado pelo homem. Esta concepção soma-se à ideia de Silviano Santiago de que tais circunstâncias provocam a necessidade de um diálogo com outras forças, o que pode ser também objeto de questionamento, mas não se caracteriza como delírio, fantasia ou mesmo otimismo ingênuo, para retomarmos ideias expressas por Jablonski. O historiador Arnaud Baubérot, por sua vez, adverte que há uma contradição entre normas e comportamentos dos homens na contemporaneidade:

No plano dos princípios, a divisão equilibrada das tarefas domésticas é socialmente adquirida e considerada normal pela maioria dos homens. No plano das práticas, entretanto, a participação masculina nessas tarefas permanece ainda nitidamente inferior às cargas assumidas pelas mulheres. (BAUBÉROT, 2013, p.210).

Aqui se constata a avaliação de equilíbrio, no plano dos princípios, entre homens e mulheres. Embora a ênfase do pesquisador, no trecho, seja justamente a sua falta, isto é, o desequilíbrio, no plano das práticas, não se pode deixar de reconhecer que

esta aquisição de princípios ou de concepções represente algum avanço, ao se identificar também com o inevitável estabelecimento do diálogo apontado por Silviano Santiago. É preciso considerar que é neste terreno do discurso, dos princípios e do diálogo que se movem as contribuições focalizadas aqui, sejam as teóricas, sejam as literárias. Assim, o que se pode verificar em determinadas incursões teóricas sobre masculinidades é a “necessidade de buscar espaço de diálogo que gerem confiança de escuta mútua ativa e propositiva, tentando superar posicionamentos ideologizados ou permeados por visões maniqueístas.” (FIGUEROA-PEREA, 2013, p.388-389). Nem sempre esses exercícios de investigação estarão imunes ao maniqueísmo que, afinal, continua a se materializar em tantas práticas masculinas, em algumas práticas femininas e às vezes até em manifestações feministas mais radicais. O que se percebe, porém, nas produções teóricas e literárias aqui reunidas e comentadas, é o esforço de superar os estereótipos masculinos.

Nas crônicas de Verissimo, há um dismantelamento dos estereótipos que cercam os homens. O estável casamento do Dr. Pompeu com sua mulher, calcado no desequilíbrio, desmorona, e sua alternativa é contrair compromisso com outro homem, numa relação conjugal desprovida de sexo, o que põe em xeque não só a completude daquele relacionamento mas também a natureza da identidade masculina. Na crônica “O brinco”, as orientações sexuais plurais e confusas das personagens masculinas ajudam a desmontar os estereótipos de masculinidade com suas fronteiras nítidas. O desenrolar dos acontecimentos na crônica acaba por reforçar os equívocos a que são expostos os homens. Equívocos que se manifestam na trama e que representam simbolicamente também comportamentos equivocados.

Nas crônicas de Xico Sá, os estereótipos masculinos detectados estimulam os comentários irônicos do autor. O homem de pijamas, em “Com o pão debaixo do braço”, constitui uma espécie de estereótipo-síntese, imagem caricata e humilhante da derrota, padrão masculino a ser evitado a qualquer custo, após o fracasso de outros padrões, como o macho provedor a quem somente resta trazer o pão para casa ao final do dia. Em “Sobre tipinhos contemporâneos da mais alta periculosidade”, o cronista atualiza o conjunto de estereótipos masculinos disponíveis, revelando os resultados desastrosos da busca de afirmação dos homens que erram a dose no afã de constituir um perfil diferente de masculinidade.

Tanto na ficção quanto nos comentários, as crônicas colocam em evidência

os estereótipos masculinos como consequência daquilo que pode ser observado no cotidiano contemporâneo. Ao apreender a constituição desses estereótipos, seus funcionamentos e registrá-los nos textos, os cronistas expõem práticas da masculinidade acompanhadas do humor com que denunciam os gestos patéticos e ridículos das experiências errantes dos homens nos dias atuais. É nesta exposição carregada de ironia que se pode vislumbrar a expectativa de que as trajetórias masculinas, embora pontuadas por incertezas, são objetos da atenção e da concernência de autores voltados para um discurso que questiona a tradicional hierarquia na relação de gêneros.

### Fontes das imagens

1. Disponível em: <http://www.movdata.net/rudolph-valentino-movie-posters.html>  
Acesso em: 13/09/2015.
2. Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/73887250113563487/> Acesso em: 13/09/2015.
3. Capa digitalizada do livro. Arquivo pessoal do autor.
4. Capa digitalizada do livro. Arquivo pessoal do autor.

### Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria I. Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, s.d.

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 9. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1993.

BAECQUE, Antoine de. Projeções: a virilidade na tela. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CONNELL, Robert & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: *Estudos feministas*. Florianópolis: vol. 21. 2013.

FIGUEROA-PEREA, Juan-Guillermo. Algunas reflexiones sobre el estudio de los hombres desde el feminismo y desde los derechos humanos. In: *Estudos feministas*. Florianópolis: vol. 21. 2013.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da*

virilidade. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JABLONSKI, Bernardo. A difícil extinção do boçalossauro. In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Trad. Andréa F. Leal. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre: no. 9. 1998.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MONTEIRO, Marko. Masculinidades em revista: 1960-1990. In: DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: \_\_\_\_ (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

\_\_\_\_. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Que homem é esse? O masculino em questão. In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SÁ, Xico. *Chabadabadá: aventuras e desventuras do macho perdido e da fêmea que se acha*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANT’ANNA, Denise Bertuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a *Belle Époque* e a República. In: DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SANTIAGO, Silviano. Arte masculina? In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

TARAUD, Christelle. Virilidades coloniais e pós-coloniais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. 14. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.